

# Brasília, Capital do ano 2.000

**Redator da Agence France-Press, Paul Rutler fixa, na presente reportagem, suas impressões a respeito da Nova Capital brasileira. Sua matéria foi distribuída pela agência por todos os países e está sendo publicada por órgãos da imprensa, em todas as línguas, quando do aniversário de Brasília**

Os qualificativos não faltaram para descrever Brasília, a já adolescente Capital do Brasil: "Capital do ano 2.000", "Capital da Esperança", "Jóia no Deserto"... ainda que nem todos fossem entusiastas, chamando-a de "Capital do desespero"...

A cidade completou quinze anos a 21 de abril. Há três lustros, Juscelino Kubitschek, então Presidente e agora próspero homem de negócios do Rio, inaugurou a cidade, quando ainda era viva a polêmica em torno da sua construção: para uns, plantar o grande centro administrativo em plena meseta central brasileira era puro delírio; para outros, um genial desafio.

## CIDADE DE CONTRASTES

Atualmente, Brasília e suas oito cidades-satélites somam cerca de 900.000 habitantes e seu crescimento é dez vezes superior ao do resto do País, exceto São Paulo.

A polêmica cessou. A mais formosa baía do mundo (a que sempre se deixa com tristeza) continua no Rio de Janeiro, e a Capital longínqua em sua meseta, onde a máquina governamental está bem implantada e funciona a pleno rendimento. Mas, as críticas da cidade mesma e suas anomalias se multiplicam. Todavia, nosso século e seus problemas alcançaram, antes do tempo, esta cidade do futuro.

Inicialmente prevista para ser a Capital do povo e para o povo, converteu-se de fato na cidade dos "mais graves contrastes sociais": só um terço da população vive no Plano Piloto, ou seja, na cidade mesmo; sobretudo, funcionários e gente acomodada, confortavelmente

instalados em suas superquadras e superbairros de vidro e verdes gramados, onde as crianças limpas e despreocupadas brincam e se divertem. Os alugueis são tão elevados como em Copacabana: de 700 a 800 dólares por um apartamento de quatro quartos, quer dizer, dez vezes o salário mínimo nacional.

Contudo, os que ganham esse salário ou pouco mais, são uma multidão. Para eles, que vieram de todo o país atraídos pela imagem deslumbrante de um grande centro com possibilidades para todos, o acesso ao Plano Piloto é impossível. Foram, pois, instalar-se nas cidades-satélites apressadamente construídas e não vêm ao centro - que dista dezenas de quilômetros - mais que para trabalhar.

Algumas dessas cidades, como Taguatinga, que conta 125.000 habitantes, converteu-se em centro ativo, vivo, bastante confortável e, segundo alguns, mais humano que Brasília. Mas outros, como Ceilândia, são pouco mais que conglomerados de favelas, com delinquência e miséria.

Que se fez de nossos irmãos? perguntou há pouco o arquiteto Oscar Niemeyer, artífice de Brasília, que vive e quer continuar vivendo no Rio. Por último, lá ocorre o índice de desemprego mais alto do Brasil: 6,8% contra, por exemplo, 2,5% no Rio. E o fenômeno se deve, principalmente, à ausência da indústria (ainda que o Governo tenha decidido criar, recentemente, uma importante infra-estrutura industrial) e de trabalhadores especializados.

ssim, a segregação social tem contribuído tanto como os grandes espaços vazios e

a falta de multidões pelas ruas, para dar a Brasília esse aspecto algo inumano, que tanto dá o que falar.

## VIDA CULTURAL PRECÁRIA

Que fazer, onde ir, depois que se sai do trabalho? Cafés, restaurantes, clubes noturnos são poucos e excessivamente caros. Há cinemas, naturalmente, mas não teatros. O único que se ia abrir, nem sequer foi concluído.

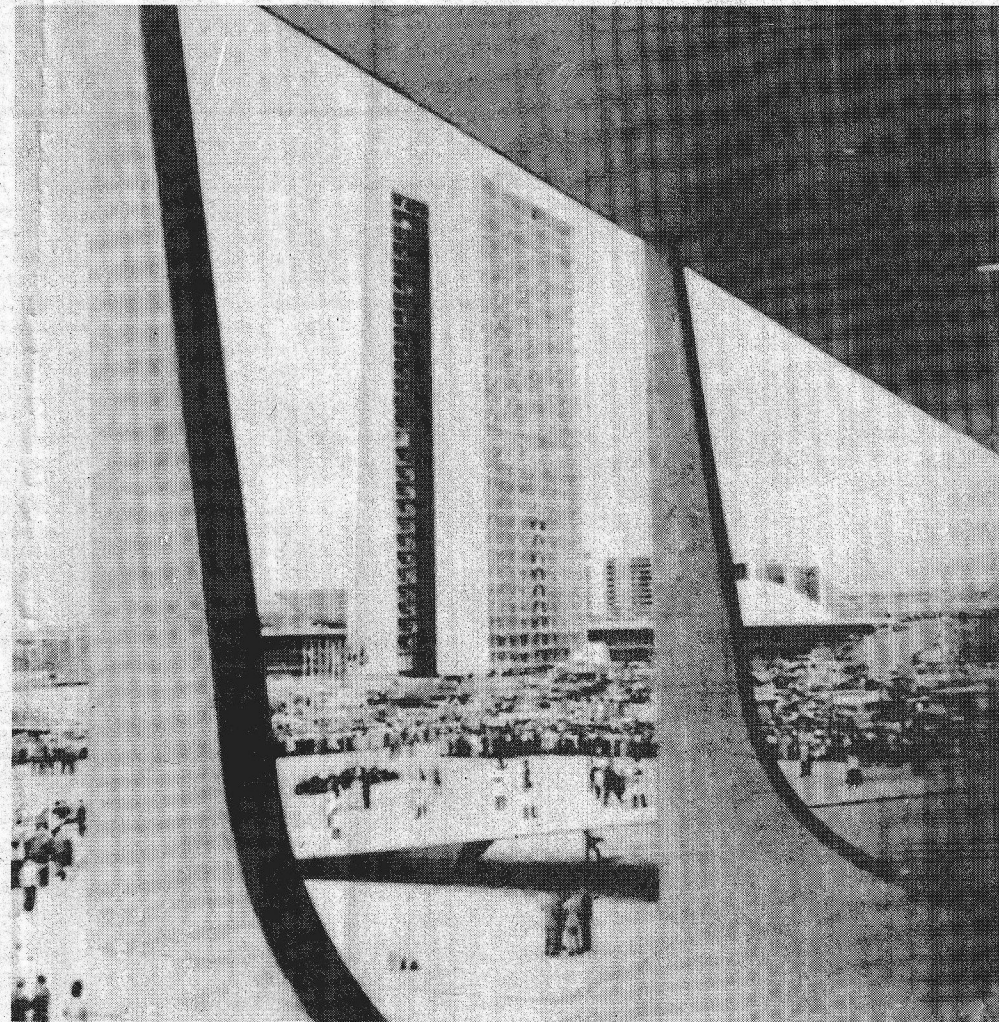
A vida cultural quase não existe. Os urbanistas deveriam inteirar-se de que a incultura não se combate com espigões, assinala uma socióloga brasileira. Só resta, pois, a vida social, muito movimentada pelas piscinas e clubes, que ascendem a mais de oitenta.

E, então, o contacto com o século XX se manifesta antes de tudo pelas pequenas enfermidades cotidianas: o corte de água, de luz, de telefone e circulação de veículos que, cada vez mais, se torna difícil.

E se dizia que Brasília era uma cidade feita para um corpo, com sua cabeça, seu tronco e suas quatro rodas. Porque as distâncias são enormes. Mas as avenidas (não há ruas propriamente ditas), amplas, rápidas, sem cruzamentos, como podem estar abarrotadas?

E que o plano inicial previa 20.000 veículos. E há já 90.000, ainda que a cidade só esteja construída pela metade. O resultado é a maior frequência nacional de acidentes.

E, sem que haja paródia, para sair do impasse, as autoridades recorreram ao velho remédio que se supunha desnecessário: os semáforos. E, como não havia cruzamentos, tiveram



que abrí-los. Uns quinze, para começar.

O estacionamento no setor comercial não terá, dentro de pouco tempo, nada que dever a outras grandes cidades, pouco ou nada futuristas. A falta de transportes coletivos (salvo os que unem Brasília com as cidades-satélites) e as terríveis distâncias não animam o cidadão a utilizar suas pernas.

## FIM DO ISOLAMENTO GEOGRÁFICO

Mas, em que pese essa sequência de erros, consequência do próprio crescimento e da mocidade, Brasília deve considerar-se um grande sucesso. A empresa era gigantesca. Mas também o é o caminho percorrido em quinze anos. Se a cidade não trepida, se vai humanizando pouco a pouco e os funcionários e diplo-

matas, vindos por obrigação, já não se sentem "exilados" a mil quilômetros do mar e das outras grandes cidades do país. Além disso, Brasília vai saindo do seu isolamento geográfico: já está unida por boas estradas a São Paulo, Rio e Belem, e brevemente estará ligada a Manaus e Caracas. A comunicação é vida e já começa a notar-se.

E nisso consiste, precisamente, um dos maiores

Por  
Paul Rutler

*Praça dos Três Poderes, ao fundo, o Palácio do Congresso, um dia de festa - uma das festas que acompanham este artigo a diversos recantos do mundo*

êxitos de Brasília. No princípio, não só se tratava de construir uma simples Capital Administrativa, mas também de dar um grande passo na conquista do imenso interior brasileiro e empurrar a fronteira econômica nacional, que apenas distava uns cem quilômetros do litoral.

O passo está dado. Passou-se a outra grande conquista: a da Amazônia.